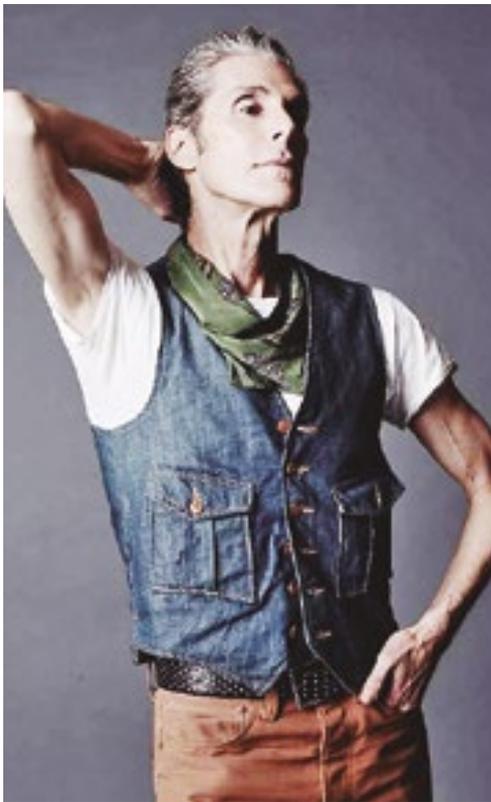


Fotos/Bob Wolfenson/Divulgação



Os Titãs voltam a ser clicados por Bob Wolfenson ao fim da turnê de reencontro de seus membros originais



Nem todos os artistas do line-up do festival toparam participar de sessões de fotos no estúdio de Bob Wolfenson montado no backstage

O desafio de um novo olhar

Bob Wolfenson subverte a pose dos artistas em suas fotografias no Lollapalooza

Por Pedro Martins (Folhapress)

Bob Wolfenson se lembra vividamente de quando fotografou para o jornal Folha de S.Paulo astros como Nina Simone e Sarah Vaughan nos camarins do Free Jazz Festival, na década de 1980. De lá para cá, 40 anos se passaram, e muita coisa mudou até sua estreia no Lollapalooza, no último fim de semana, quando registrou os artistas que se apresentaram no Autódromo de Interlagos, na capital paulista.

Antes, ele conta, tinha mais controle sobre a imagem. Agora, ao lado de um monitor de 30 polegadas onde seus cliques são exibi-



Para imagens dos shows, Wolfenson precisou seguir a regra estabelecida de registrar somente as primeiras músicas

dos instantaneamente, a maioria não resiste a espiar e palpitar, como se estivesse fazendo um ensaio para suas redes sociais.

“O comportamento dos artistas mudou muito. Eles próprios querem se dirigir, mas eu fico buscando algo que seja subversivo. Como estou fotografando gente muito conhecida, que já foi muito fotografada, tento fazer uma

coisa que não seja muito a cara do artista. Tento desmontar o preparo que eles trazem. Eu mexo, mudo o ângulo, o fundo. Vou tateando as possibilidades”, diz Wolfenson.

Prova disso é que boa parte dos artistas internacionais não quiseram dar as caras, ele conta. São as mesmas figuras que às vezes não permitem ser fotografados nem durante os

seus shows - como foi o caso de SZA e Sam Smith nesta edição do Lollapalooza -, ainda que os fotógrafos assinem uma cartilha rigorosa de regras - e se comprometam, por exemplo, a não fotografar mais do que as primeiras músicas da apresentação, a uma distância estipulada e com lentes específicas.

Não é diferente do que acontece no contato entre os repórteres e os cantores, que cada vez mais tentam submeter os jornais a uma lista de perguntas ou assuntos proibidos, além de concederem tempos muito curtos, de não mais do que cinco minutos, para a realização das entrevistas, justamente para não pôr sua imagem à prova.

Wolfenson, de 70 anos, 50 deles dedicados à fotografia, não poupou esforços para abalar as poses prontas com as quais parte dos cantores chegaram a seu estúdio improvisado nos boxes do autódromo que servem de camarim para o festival de música, que acontece anualmente.

“Pode ser porque não tem som, fala, movimento. A foto tem um conteúdo de agressividade muito grande. É um recorte da pessoa que está na minha mão”, diz ele, que pretende incluir parte das fotos feitas no festival em fotolivros que deve lançar no futuro.

De sexta a domingo, passaram por seu estúdio astros da MPB, como os Titãs e Gilberto Gil, que Wolfenson fotografou uma dúzia de vezes, a ilustres desconhecidos tanto para ele e para o público como Perry Farrell, o criador do Lollapalooza. “Antes eu pegava o filme, mandava revelar e ninguém via. No começo sofri, mas depois aderi a essa transição”, conta.